

## Leitura de literatura e textos multimodais: uma proposta de abordagem intertextual

Wendel dos Santos de Menezes<sup>1</sup>

Larissa da Silva Lisboa Souza<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo pretende apresentar uma proposta de ensino de leitura literária que fuja do paradigma histórico-nacional que, considerando a abordagem de Cereja (2005) e Cosson (2020), não obtêm o sucesso esperado na formação de leitores de literatura. Logo, dada a importância da literatura na formação dos sujeitos, necessita-se de novas formas de trabalho com o texto literário, considerando, por exemplo, suas unidades temáticas. Os textos multimodais, de importância destacada inclusive em documentos oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), podem contribuir para aproximar o aluno das obras literárias, visto oferecerem diversidades de linguagem mais próximas das vivências dos estudantes. O letramento literário, por sua vez, torna-se uma organização apropriada à promoção desta prática de leitura, aliando a obra literária aos textos multimodais a partir de uma perspectiva de diversidade de identidades, e buscando, através da literatura, discutir temas contemporâneos.

**Palavras-chave:** Ensino de literatura; Letramento Literário; Textos Multimodais; Intertextualidade; Identidade.

### ABSTRACT

The article intends to present a proposal for teaching literary reading that escapes the historical-national paradigm that, considering the approach of Cereja (2005) and Cosson (2020), do not achieve the expected success in the formation of readers of literature. Therefore, given the importance of literature in the formation of subjects, new ways of working with the literary text are needed, considering, for example, its thematic units. Multimodal texts, of

<sup>1</sup> Especialista em Educação Profissional Integrada à Educação Básica, na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia de São Paulo (IFSP), graduado em Letras pela Universidade São Judas Tadeu (USJT). Professor no ensino regular na rede municipal de São Paulo e na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) na cidade de Santo André. Orcid: 0000-0003-3960-9481 E-mail: [wendelmenezes@hotmail.com](mailto:wendelmenezes@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), Mestre em Estudos Literários e Especialista em Educação para as Relações Étnico-raciais, ambos os títulos pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora adjunta na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Orcid: 0000-0001-5922-8710 E-mail: [larissa.lisboa@ufla.br](mailto:larissa.lisboa@ufla.br)



outstanding importance even in official documents, such as the National Common Curricular Base (BNCC), can contribute to bringing the student closer to literary works, as they offer language diversities closer to the students' experiences. Literary literacy, in turn, becomes an appropriate organization to promote this reading practice, combining the literary work with multimodal texts from a perspective of diversity of identities, and seeking, through literature, to discuss contemporary themes.

**KEY WORDS:** Literature teaching; Literary Literacy; Multimodal Texts; Intertextuality; Identity.

## 1. O ensino de literatura: confrontos entre o tradicional e o contemporâneo

O ensino de literatura enfrenta, entre muitas questões, o distanciamento entre a realidade dos alunos e as práticas pedagógicas, resultando no desinteresse pela leitura. Enquanto o livro físico está muitas vezes relacionado a algo mais antigo, as linguagens eletrônicas são mais atrativas, visto crianças e jovens experienciarem a leitura de textos nesses suportes, a exemplo de computadores e celulares.

Aliadas a isso estão as metodologias de ensino de leitura literária tradicionais, geralmente ancoradas no modelo no qual Rildo Cosson (2020) intitula como “paradigma histórico-nacional”. Segundo o autor, tal modelo orienta, há décadas, o ensino de literatura a partir da reconstrução de uma suposta nacionalidade. Assim, o ensino é organizado de modo a abordar autores e obras que vão desde a Idade Média portuguesa até autores brasileiros contemporâneos, e esta organização “diminui ou restringe o caráter ficcional da literatura” (COSSON, 2020, p.46-47), cedendo espaço maior à História.

Além desta perspectiva historicista, as metodologias de ensino de literatura parecem ainda dissociadas do contexto tecnológico atual, ignorando as linguagens provenientes das tecnologias digitais de comunicação. Segundo Roxane Rojo (2021),

Na era do impresso, reservou-se a palavra texto principalmente para referir os textos escritos, impressos ou não; na vida contemporânea, em que os escritos e falas se misturam com imagens estáticas (fotos, ilustrações, gráficos e infográficos) e em movimento (vídeos) e com sons (sonoplastias, músicas), a palavra *texto* se estendeu a esses enunciados híbridos de ‘novo’ tipo, de tal modo que hoje falamos em *textos orais* e *textos multimodais* (ROJO, 2021)<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Link disponível em <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/textos-multimodais>.



Ainda que haja uma contemporânea discussão sobre os textos multimodais, principalmente no âmbito acadêmico, esses ainda são pouco discutidos quanto ao ensino de literatura (observa-se, por exemplo, o pouco espaço reservado à literatura na Base Nacional Comum Curricular). As atividades de literatura na escola, portanto, ainda se baseiam em métodos tradicionais de abordagem do texto, utilizando muitas vezes apenas o exercício da leitura literária para atividades avaliativas, como nas resoluções de questionários.

Os textos multimodais, todavia, estão bem mais próximos da realidade contemporânea dos alunos; estes expostos aos mais variados formatos de mídia eletrônica e digital. O ato de leitura, assim, deve se reformular: “(...) já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam” (ROJO, 2021).

Diante deste cenário de ensino de literatura, com base em modelos e metodologias tradicionais, este artigo apresenta uma proposta de ensino de leitura de textos literários que fuja ao paradigma histórico-nacional. Como alternativa, propõe-se uma proposta de ensino organizado por temas, buscando relacionar obras e autores de diferentes épocas em movimentos cruzados, sincrônicos e diacrônicos, na perspectiva de Cereja (2005). Desse modo, abre-se a possibilidade de aprender a ler literatura por meio de discussões mais contemporâneas, aproximando as leituras do universo dos alunos do Ensino Básico. Ademais, considera-se neste trabalho a hipótese de que uma proposta de ensino de literatura, cuja abordagem do texto literário esteja associada aos textos multimodais, possa ser mais efetiva no intuito da formação de leitores.

Propõe-se, portanto, uma leitura crítica da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014), da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, cotejando-a com *Niketche: uma história de poligamia* (2021), da escritora moçambicana Paulina Chiziane. Considerando a perspectiva da multimodalidade dos textos, pretende-se ainda relacionar as duas obras ao gênero HQ, com a história em quadrinhos *Carolina* (2018), dos autores brasileiros Sirlene

---

Acesso em: 14/08/2022.



Barbosa e João Pinheiro; ao curta-metragem *Carolina* (2003), do diretor brasileiro Jeferson De e ao depoimento *O mundo da mulher ficou muito escondido. É preciso falar mais sobre o que somos* (2021)<sup>4</sup>, de Paulina Chiziane, ao canal do Youtube *Por dentro da África*.

A proposta visa observar a representação da mulher negra nas obras referidas, já que cada uma, a seu modo e dentro de seu contexto, apresenta e aprofunda as questões do feminino, oferecendo a possibilidade de abordagem de reflexões sobre as identidades raciais e de gênero na sala de aula.

Em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014), Carolina Maria de Jesus relata as dificuldades de uma vida à margem da sociedade, em condições mais que precárias; indignas para o ser humano. A escritora viveu com os filhos na extinta favela do Canindé, na cidade de São Paulo, e constantemente enfrentou a fome, a precarização do trabalho, das condições de moradia, além dos preconceitos racial e de gênero. Em diversas passagens do texto, Carolina coloca em discussão as questões relacionadas ao fato de ser mulher naquele contexto, a exemplo do seguinte trecho:

Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade (...). E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsa vienenses. Enquanto os esposos quebra as tábuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis (JESUS, 2014, p. 16).

O texto de Carolina Maria de Jesus propõe uma discussão a respeito da condição do feminino na sociedade, a exemplo dos papéis os quais se espera que as mulheres exerçam. Essa discussão também será retomada em outro contexto, pela moçambicana Paulina Chiziane, no romance *Niketche: uma história de poligamia* (2021). Na obra de Chiziane, a protagonista Rami se vê em uma trama poligâmica, no descobrimento da infidelidade do marido. A personagem, ao longo do romance, apresenta diversas representações das mulheres naquela sociedade, a exemplo das ausências dos maridos e da solidão:

<sup>4</sup> Link disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=upOGNEbldI>. Acesso em: 14/08/2022.



[...] Olho para todas elas. Mulheres cansadas, usadas. Mulheres belas, mulheres feias. Mulheres novas, mulheres velhas. Mulheres vencidas na batalha do amor. Vivas por fora e mortas por dentro, eternas habitantes das trevas. Mas por que se foram embora os nossos maridos, por que nos abandonam depois de muitos anos de convivência? Por que nos largam como trouxas, como fardos, para perseguir novas primaveras e novas paixões? Por que é que, já na velhice, criam novos apetites? (CHIZIANE, 2021, p. 12).

Tanto em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014), como em *Niketche: uma história de poligamia* (2021), é possível observar como foram construídas histórica e culturalmente as identidades femininas, dentro de uma perspectiva patriarcal em que o homem torna-se não um companheiro, mas um fardo às mulheres.

A proposta, assim, intenta apresentar aos alunos dois textos de diferentes tempos e realidades (a primeira publicação de Maria de Jesus foi em 1960 e de Chiziane em 2003), mas que têm pontos de contato quanto às questões de identidade de gênero. Além disso, as experiências de vida tanto de mulheres moçambicanas, como de brasileiras podem ser comparadas visto as heranças coloniais ainda experienciadas pelas mulheres negras.

Contudo, como a discussão do presente artigo se propõe a refletir sobre a problemática do ensino de literatura, a escolha apenas de obras artísticas a partir do suporte do livro físico não se legitima. Assim, acreditamos que esses textos podem ser muito bem trabalhados em sala quando aliados aos textos multimodais, como forma de integrar a linguagem mais cotidiana experienciada dos alunos, na construção do gosto pela leitura literária.

Nesse sentido, o curta-metragem *Carolina* (2003), de Jeferson De, assim como a Hq também intitulada *Carolina* (2018), de Sirlene Barbosa e João Pinheiro, aparecem nesta proposta à utilização de textos multimodais nas aulas de literatura. O curta exhibe a cena que inicia o diário de Carolina Maria de Jesus, no relato do dia do aniversário de sua filha Vera Eunice; além de trazer as dificuldades em relação ao enfrentamento da fome (JESUS, 2014, p.11), enquanto a Hq tem como proposta a visibilidade da biografia da Carolina Maria de Jesus.

Apropriando-nos das palavras de Cosson (2009), a proposta visa motivar e introduzir os leitores, convidando-os à leitura prazerosa dos textos literários. Ao buscar este cruzamento dos textos tradicionalmente chamados literários com os textos multimodais, pretende-se,



também, o envolvimento da atividade com os leitores “iniciantes” e “em processo” (COELHO, 2002), ou seja, aos alunos que estão no processo de aquisição do saber literário, além da aprendizagem pelo gosto do literário.

A organização por temas na utilização de textos multimodais é uma proposta para que o ensino de literatura se torne mais atrativo aos alunos. Cumpriria, assim, uma função humanizadora a qual a literatura carrega, como trouxe o crítico Antonio Candido (2013):

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CÂNDIDO, 2013, p. 182).

## 2. As obras literárias e os estudos comparados

O ensino de literatura parece ser pouco efetivo no sentido da formação de leitores literários, quando toma a historiografia ou o paradigma histórico-nacional como suporte, segundo alguns críticos como Cosson (2009) e Cereja (2005). As tradicionais listas de autores e obras que se apresentam aos alunos, organizadas de maneira diacrônica (CEREJA, 2005), pouco colaboram na promoção ao encontro do leitor com o texto (COSSON, 2009).

Os cursos de literatura, assim orientados, parecem considerar importantes o grande número de autores e obras abordados, em detrimento de um recorte mais qualitativo. Com base em pesquisa realizada junto aos professores de literatura do Ensino Médio na cidade de São Paulo, William Roberto Cereja (2005) chama a atenção para o fato de que os docentes:

(...) se pautam na tradição do ensino diacrônico da literatura e numa concepção da literatura como expressão da língua e da nacionalidade. Os critérios de recorte literário, aliás, geralmente ficam por conta do manual didático adotado (...). Assim, tanto melhor socialmente será considerado o curso, quanto maior for o número de autores e obras tratados no tempo escolar normal. Trata-se, portanto, de um critério puramente quantitativo, nascido de uma tradição conteudista e positivista de ensino, com o fundo nacionalista cultivado pela historiografia romântica (CEREJA, 2005, p. 143).

O crítico enfatiza ainda essa questão do recorte literário, nos cursos de literatura,



apontando para o equívoco de abordagem de toda a produção literária de uma época, dedicando às obras que têm reconhecidamente maior importância estética (por representarem a ruptura ou renovação de uma tradição) o mesmo tempo de estudo que se destina a autores que, embora importantes, apenas reafirmam as novas formas, modelos e estéticas literárias. Mesmo em um curso de três anos, como é organizado e distribuído o ensino de literatura no Ensino Médio no Brasil, é impensável abranger todo o conteúdo literário produzido ao longo da história. Corre-se, assim, o risco de transformá-lo em um grande catálogo em que são apresentados inúmeros autores e obras, mas a leitura efetiva dos textos por parte do aluno não acontece.

Sempre que se escolhem determinados autores e não outros, está-se fazendo um recorte da produção literária de uma época, e é natural que alguns autores fiquem de fora, principalmente se se considerar que os estudos literários na escola não têm ou, ao menos, não deveriam ter o compromisso de cobrir toda a produção literária de uma época, pois isso pouco acrescentaria ao estudante (CEREJA, 2005, p. 143).

Buscando novas formas de trabalho que fujam aos padrões tradicionais já referidos, Cereja (2005, p. 165) discute a possibilidade de se pensar a literatura como espaço de simultaneidades, em que é possível aproximar autores e obras das mais diversas épocas. O autor fala de pontos de intersecção entre diacronia e sincronia. Esses pontos seriam elementos do passado que continuam fazendo sentido nas obras do presente. O crítico ainda apresenta diversas possibilidades para esse trabalho, a exemplo da escolha por gêneros, pelo projeto estético ou por temas.

E, para a proposta apresentada no presente artigo, a seguinte afirmação do teórico é fundamental: “é possível buscar pontos de intersecção temáticos: a nacionalidade, a natureza, o amor, a mulher, o negro, a criança, o sertão, a seca, a violência, a cidade, o campo, a alteridade, o fazer poético, a efemeridade do tempo, entre outros” (CEREJA, 2005, p. 166).

Consideramos, assim, adequada a proposta ao ensino contemporâneo, pois permitiria um recorte literário a partir do tema de identidades, tão caro ao nosso tempo e que vai ao encontro de uma concepção de literatura que preza pela formação humana. A literatura,



entendida com um lugar de representação da cultura e do sujeito, seria um espaço para a investigação dessas identidades. Segundo Culler (1999),

A literatura sempre se preocupou com questões de identidade e as obras literárias esboçam respostas, implícita ou explicitamente, para essas questões. A literatura narrativa especialmente seguiu os destinos dos personagens à medida que eles se definem e são definidos por diversas combinações de seu passado, pelas escolhas que fazem e pelas forças que agem sobre eles. Os personagens fazem seu destino ou o sofrem? As histórias dão respostas diferentes e complexas. Na *Odisséia*, Ulisses é rotulado como *multiforme* (*polytropos*) mas se define em suas lutas para se salvar e a seus companheiros de bordo e para voltar para Ítaca novamente. Em *Madame Bovary*, de Flaubert, Emma luta para se definir (ou *se encontrar*) em relação a suas leituras românticas e a seus arredores banais. As obras literárias oferecem uma gama de modelos implícitos de como se forma a identidade (CULLER, 1999, p. 109).

Tendo como base a questão identitária, a leitura de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014), de Carolina Maria de Jesus, e de *Niketche: uma história de poligamia* (2021), de Paulina Chiziane foi pensada. Abandona-se assim uma abordagem historiográfica para o ensino de literatura e de orientações fundamentadas no paradigma histórico-nacional.

Carolina Maria de Jesus traz em seu diário diversas reflexões sobre condição do feminino, a exemplo do seguinte relato: “Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então, eu dizia para minha mãe: - Porque a senhora não faz eu virar homem?” (JESUS, 2014, p. 53). Neste trecho, é possível observar a desigualdade que permeia a construção das identidades de gênero em nossa sociedade, visto a autora notar que a historiografia dá destaque às personalidades masculinas em detrimento das femininas. Carolina compreendia que a sociedade reservava determinados espaços à mulher; e que estes não eram considerados relevantes. No trecho a seguir, a autora reafirma a sua percepção de que a sociedade destina às mulheres determinados espaços, negando-lhes, como é possível observar, o espaço da escrita, da autoria, do pensamento e da discussão.

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do traveseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal (JESUS, 2014, p. 49).



Paulina Chiziane, em *Niketche: uma história de poligamia* (2021), aborda uma postura de servilismo que é esperada das mulheres na tradição moçambicana das mulheres do sul, de cultura cristã. A personagem Rami, em determinada passagem da obra, questiona sua própria postura em relação a essas tradições, no entanto, transmite-as às suas filhas: “Transmito às mulheres a cultura da resignação e do silêncio, tal como aprendi da minha mãe. E a minha mãe aprendeu da sua mãe. Foi sempre assim desde tempos sem memória” (CHIZIANE, 2021, p. 221).

Em outra passagem do romance, Rami faz uma reflexão sobre como os homens, ao longo da história, pautaram o comportamento das mulheres. Ela reflete a respeito dos hábitos do vestuário feminino, concluindo que até isso é decidido pelos homens, de acordo com seus próprios interesses e com o que lhes convém.

Penso. Quem inventou a moda feminina foi um homem, só pode ser. Inventou sapatos de salto alto para que a mulher não corra, e não lhe fuja do controle. Se pensasse nela, teria inventado umas botas e mocassinos, sapatos do tamanho do chão, para ela poder caminhar, correr e caçar o sustento, como as Amazonas. Inventou as saias apertadas para obrigar a mulher a manter as pernas fechadas, coladas. Se pensasse nela, teria inventado umas saias bem rodadas, para andar à vontade e refrescar os interiores, nos dias de verão. No lugar disso, inventou as roupas coladas, atrevidas, para poder deliciar a vista na paisagem ondulada de qualquer uma e masturbar-se com o simples olhar (CHIZIANE, 2021, p. 232).

Em conversa com o marido Tony, Rami recorda-se de seu avô materno. Segundo nos apresenta a personagem, o avô tratava a esposa como um objeto qualquer, um tambor, e dispensava pancadas nela, descontando as suas próprias angústias e frustrações. E fazia isso exibindo um tom natural e sádico.

De repente me recordo do meu avô materno. Quando se embebedava, despedia os amigos suspirando: ah, minha mulher, meu tambor! Vou para casa, tocar no meu tambor! \Para que ela derrame as lágrimas que sinto. Para que sangue nela a minha ferida, a minha angústia. Para que ela adormeça a raiva da minha alma. Para que faça vibrar a tristeza do meu ser e solte aquela melodia do choro que me embala. Tu não bates na tua mulher? Bate nela, bate, para entrares na dança da vida. Bate nela a tua angústia, a tua dor, a tua alegria, bate nela, bate. E quando ela gritar, tu suspiras em orgasmos pleno: ah, minha mulher, meu tambor! (CHIZIANE, 2021, p. 263).



Outra questão, que pode ser observada tanto em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, quanto em *Niketche: uma história de poligamia*, diz respeito à configuração dos arranjos familiares. Tanto Carolina quanto Rami assumem a função de gerenciar seus respectivos lares. Embora seja importante destacar aspectos como o desejo feminino de manutenção da autonomia e da independência, esses arranjos são, em grande medida, fruto do abandono de lares por parte dos homens.

Carolina reflete a respeito de sua condição: “Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar” (JESUS, 2014, p.22). Rami também aborda as dificuldades de criar os filhos praticamente sozinha. Em um episódio narrado logo no início do romance, quando o filho Betinho quebra o vidro de um carro, a personagem expressa a sua angústia diante de tal condição:

Mas onde anda o meu Tony que não vejo desde sexta-feira? Onde anda esse homem que me deixa os filhos e a casa e não dá um sinal de vida? Um marido em casa é segurança, é proteção. Na presença de um marido, os ladrões se afastam. Os homens respeitam. As vizinhas não entram de qualquer maneira para pedir sal, açúcar, muito menos para cortar na casaca da outra vizinha. Na presença de um marido, um lar é mais lar, tem conforto e prestígio (CHIZIANE, 2021, p. 11).

Assim, a questão do abandono dos lares por parte dos homens, eximindo-se de responsabilidades em relação aos filhos, por exemplo, é algo que pode ser observado em ambas as obras e aponta para mais este aspecto determinante na construção da identidade feminina racializada, a de mulheres negras fortes, guerreiras, que devem suportar todas as intempéries sozinhas, tornando-se as mantenedoras do lar.

A leitura das obras, portanto, fomenta discussões a respeito da experiência de mulheres negras, seja no Brasil, seja em Moçambique. Tanto o relato de Carolina Maria de Jesus como o romance de Paulina Chiziane sugerem leituras que propiciam observar como foram construídas ao longo da história as identidades femininas das mulheres negras. Segundo Costa (2007), em artigo em que compara as obras *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014) de Carolina Maria de Jesus e *Niketche: uma história de poligamia* (2021), de Paulina Chiziane,



Não encontramos nelas (as protagonistas das obras) figuras genéricas, tampouco representações de personagens negras como as construídas nos romances oitocentistas, em sua maioria escritos por homens, como sensuais, promíscuas fogosas, objetos sexuais tanto erotizados quanto não erotizados, dentre outras; ou então por que não dizer diferente até mesmo das figuras edificadas por mulheres brancas, a partir da segunda metade do século XX, que segundo Edith Piza, apenas corroborou para a cristalização de estereótipos negativos sobre a mulher negra. A partir dessa perspectiva, é possível enxergar a experiência feminina negra sobre outra ótica que não a de eterna submissão ou a marcada pelo estereótipo, mas sim em uma batalha cotidiana pela superação de sua condição de marginalidade (COSTA, 2007, p. 8).

Para a orientação metodológica do trabalho, considera-se o Letramento Literário proposto por Rildo Cosson (2009), organizado em quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Esta metodologia considera a mediação e o compartilhamento de experiências de leitura literária e, desta forma, permitiria ao aluno confrontar as suas interpretações de uma obra lida com outras interpretações produzidas em leituras diversas. Assim, neste exercício dialógico de compartilhamento de experiências de leitura, os estudantes construiriam interpretações cada vez mais profundas das obras lidas, caminhando no sentido de sua formação como leitores literários.

Os movimentos cruzados de leitura, propostos por Cereja (2005), colocariam em contato não apenas obras literárias em si, mas também textos multimodais que, por apresentarem linguagens diversas, seriam potencialmente fatores de enriquecimento no contato do leitor com as obras literárias. Segundo o crítico,

Um curso de literatura não se constrói apenas com atividades específicas de leitura e no tempo restrito que elas demandam. Um curso de literatura se constrói também com uma série de outras interações, mediadas por textos literários e não literários, por textos didático-expositivos, por linguagens verbais e não-verbais etc. (CEREJA, 2005, p. 179)

A partir dessas considerações, observando a importância que vêm ganhando os textos multimodais (ROJO, 2021)<sup>5</sup>, e tendo como orientação metodológica o Letramento Literário proposto por Cosson (2009), o curta-metragem *Carolina* (2003) e a Hq homônima (2018)

<sup>5</sup> Link disponível em <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/textos-multimodais>. Acesso em: 14/08/2022.



fariam parte das etapas iniciais propostas por Cosson (2009): a motivação e a introdução. A linguagem fílmica, trazida pelo curta, cumpriria a etapa de motivação, que consiste em aproximar o aluno do texto, proporcionando uma primeira interação do estudante com a ideia do texto (COSSON, 2009, p. 54). A história em quadrinhos, por sua vez, seria um modo de apresentar a obra e a autora aos alunos, já que a Hq não é uma reprodução do diário, mas uma espécie de biografia de Carolina Maria de Jesus. Logo, os estudantes entrariam em contato, antes da leitura literária, com a história da autora.

### 3. O texto literário aliado aos textos multimodais: uma proposta

Propõe-se aqui a leitura de *Quarto de Despejo: diário de uma favela*, de Carolina Maria de Jesus, e de *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, buscando observar as representações femininas apresentadas nas obras. Para a organização metodológica do trabalho em sala de aula, propõe-se o caminho literário sistematizado por Rildo Cosson (2009), estruturado nos quatro passos já referidos: motivação, introdução, leitura e interpretação<sup>6</sup>.

Para a etapa inicial do trabalho, sugere-se a exibição do curta-metragem *Carolina* (2003), do cineasta brasileiro Jeferson De. Na sequência, seria feita a leitura de alguns trechos da Hq também intitulada *Carolina* (2018), de autoria de Sirlene Barbosa e João Pinheiro. Ambas as obras cumpririam o papel de aproximar os leitores dos textos principais a que esta proposta se dedica. Na perspectiva de Cosson (2009), O filme e a Hq constituiriam, a etapa de motivação da leitura literária: ao denominar motivação a este primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação (COSSON, 2009, p. 54). A escolha do filme e da Hq para a etapa inicial do trabalho com a leitura literária vai ao encontro da perspectiva de Rojo (2021) já apresentada, em que os escritos e falas se misturam a imagens estáticas e em movimento, compondo o que se chama na contemporaneidade de textos multimodais. Trabalha-se aqui com a hipótese de que estes

<sup>6</sup> Ao final do artigo, em anexo, oferecemos ao leitor uma ficha de leitura detalha da proposta.



textos, nestes formatos, utilizando imagem e som, linguagens comuns ao cotidiano de nossos alunos, carregam o potencial de resultar em uma primeira aproximação com as obras literárias.

Na etapa seguinte, a introdução, sugere-se exibir o depoimento *O mundo da mulher ficou muito escondido. É preciso falar mais sobre o que somos* (2021)<sup>7</sup>, de Paulina Chiziane ao canal do Youtube *Por dentro da África*, em que autora comenta a respeito de seu romance *Niketche: uma história de poligamia* (2021). Seriam explorados em sala de aula os elementos paratextuais de ambas as obras; alvos desta proposta.

As discussões iniciais trazidas nesses elementos dariam início à inserção dos leitores nas temáticas abordadas pelos textos. Aqui seria o momento de chamar atenção dos alunos para a perspectiva que se pretende dar a essa proposta de leitura literária, observando como são representadas as mulheres por estas autoras. Para tanto, recorreremos à discussão promovida por Costa (2007), adotando uma perspectiva em que se pode observar a realidade da mulher negra de outro ponto de vista que não o da submissão e da estereotipia, mas sim o da luta diária pela sobrevivência em que constroem suas próprias identidades.

Seguindo a metodologia aqui adotada, a próxima etapa de trabalho seria a leitura, que necessitaria considerar momentos extraclasse, já que se trata de leituras extensas. O acompanhamento dos alunos por parte do professor se faria em momentos os quais Cosson chama de “intervalos” (COSSON, 2009, p.62). Estas ocasiões seriam previamente definidas e acordadas com os leitores. Nelas, seriam desenvolvidas atividades específicas, focalizando o tema da leitura e colocando em discussão possíveis dúvidas trazidas pelos alunos. Ademais, com o intuito de enriquecer a compreensão do texto, poderiam ser retomados elementos ou outros trechos dos textos multimodais utilizados na etapa de motivação, além de abordados textos teóricos que discutam a condição e a representação da mulher negra na sociedade. Ainda nesta etapa, durante os momentos chamados intervalos de leitura, seriam promovidos breves debates abordando as temáticas suscitadas pela leitura. Assim, os leitores caminhariam no sentido da interpretação dos textos.

<sup>7</sup> Link disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=upOGNEbldI>. Acesso em: 14/08/2022.



Por fim, chegamos à etapa de interpretação das leituras, ou seja, da busca de construção dos sentidos dos textos. Considerando que as atividades de interpretação “devem ter como princípio a externalização da leitura” (COSSON, 2009, p. 66), sugerimos que o primeiro movimento nesta etapa seja um debate, seguido da produção de resenhas críticas. Como esta proposta abrange duas leituras extensas, propõe-se a seguinte organização: ao término da leitura de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2014), promove-se um debate a respeito da obra e, em seguida, orienta-se os alunos para a produção de uma resenha a respeito do livro. Ao término da leitura de *Niketche: uma história de poligamia* (2021), promove-se outro debate a respeito desta obra. No entanto, nesse momento, os alunos já terão lido os dois textos. Portanto, resgata-se a resenha de *Quarto de Despejo* que produziram para envolvê-la no debate sobre a obra moçambicana. A seguir, estes devem produzir uma nova resenha, em que estabeleçam comparações entre os dois textos, buscando abordar a representação da mulher negra em ambos. Para a finalização do trabalho, sugere-se um novo debate em que as últimas resenhas sejam retomadas. O professor, nesse sentido, deve orientar as discussões e sistematizar as interpretações construídas pelos alunos.

O objetivo principal desta proposta é contribuir para a formação de leitores de literatura, desenvolvendo habilidades de leitura e promovendo reflexões a respeito de questões identitárias que possam levar o aluno a se integrarem nos debates contemporâneos, dentro de uma perspectiva de formação humana. Ao longo das atividades que essa proposta engloba, seja nos momentos de leitura, nos intervalos, nos debates finais e produções de resenhas, pretende-se que os alunos desenvolvam as habilidades de inferir, justificar, analisar, comparar e interpretar, relacionado o texto literário a questões voltadas para a construção das identidades dos sujeitos; questões suscitadas pelos próprios textos em diálogo com as leituras praticadas.

#### 4. Considerações finais

A escolha dos materiais a serem abordados com os alunos, nesta proposta, considera que, abandonado o paradigma histórico-nacional, abre-se um leque de possibilidades para a



abordagem da literatura em sala de aula. Uma dessas possibilidades é a perspectiva identitária, a partir da qual se pode observar os diversos papéis ou representações que os sujeitos podem adquirir na constituição de suas identidades.

Tem-se, a partir desta proposta, a expectativa de que os textos multimodais sugeridos possam aproximar os alunos das obras e das temáticas que estas suscitam, já que trazem linguagens mais familiares e que fazem parte do cotidiano do estudante contemporâneo. A imagem em movimento, como no filme e na entrevista, e a imagem estática, caso da Hq, são ambas linguagens que fazem parte do dia a dia dos alunos. Podem estes textos, portanto, funcionar como porta de entrada para a leitura das obras em si.

A leitura das obras em si sugere que o aluno observe aspectos que constituem as identidades femininas em momentos e espaços distintos: o Moçambique contemporâneo e o Brasil da década de 1950. Organizada a partir da ideia de caminho literário, proposta por COSSON (2009), a proposta pretende levar os alunos a efetivarem aquilo que o autor chama de “leitura responsiva”, efetuando registros que os permitam externalizar suas leituras, efetuando trocas com os demais colegas leitores, buscando dar sentido ao texto e chegando a possibilidades de interpretação. Desta forma, a literatura se aproxima de sua função humanizadora, colaborando para a formação dos sujeitos.

A abordagem literária apresentada no curso “Literaturas de Língua Portuguesa - Identidades, territórios e deslocamentos: Brasil, Moçambique e Portugal” reorientou nossa perspectiva sobre a arte literária e, conseqüentemente, promoveu e promoverá mudanças contundentes em nossa prática de sala de aula. Nossa formação, em geral, pautou-se pela tradição historiográfica, por aquilo que nos foi apresentado no curso como o paradigma histórico-nacional. Assim, nossa prática vai no sentido de um estudo diacrônico da literatura, buscando encontrar nos textos uma suposta identidade nacional. No entanto, a abordagem identitária da literatura, apresentando-a como espaço de investigação das diversas identidades dos sujeitos, construídas a partir da cultura e dos deslocamentos pelos diversos territórios, físicos e também culturais, apresenta-nos um novo direcionamento no estudo e no ensino de literatura.



Assim, este artigo traz uma proposta de ensino de literatura que pretende ser uma alternativa aos métodos tradicionais de ensino de leitura do texto literário. Desconsiderando o recorte historiográfico e o paradigma histórico-nacional, a partir do qual se estuda literatura buscando encontrar uma suposta identidade nacional, procurou-se neste trabalho, apresentar uma proposta de ensino que considere a observação das construções identitárias.

Tendo em mente que um dos principais objetivos da leitura literária seja a formação humana, a proposta apresentada busca levar os alunos a questionarem, a partir das leituras, os papéis atribuídos às mulheres e os espaços sociais a ela destinados, observando como estas construções se dão historicamente, a partir da cultura, e como se estabelecem no sentido de promover desigualdades. Deste modo, esta proposta de ensino de literatura coloca-se como uma prática que questiona comportamentos racistas e patriarcais, que perpetuam relações sociais desiguais, estruturadas em privilégios, preconceitos e discriminações.

Assim, segundo a perspectiva de Cândido (2013), acreditamos que o ensino e a leitura de literatura colaboram para a formação humana dos indivíduos, estimulando a reflexão sobre a diversidade e sobre como se constroem as identidades dos sujeitos ao longo da história, segundo a cultura que vivemos. A literatura coloca o indivíduo que lê em contato com a cultura e em posição de questioná-la. Ou, nas palavras de Cândido: “(...) os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura fornece a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (2013, p. 177).

## 5. Referências

BARBOSA, S.; PINHEIRO, J. *Carolina*. São Paulo: Veneta, 2018.

CÂNDIDO, Antônio. “O direito à literatura”. In: CÂNDIDO, Antônio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2013.

CEREJA, William Roberto. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.



\_\_\_\_\_. *O mundo da mulher ficou muito Escondido, É preciso falar mais sobre o que somos.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=upOGNEbldI>. Acesso em 14/08/2022.

COELHO, Nelly N. *Literatura Infantil. Teoria, análise, didática.* São Paulo: Moderna, 2002.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática.* São Paulo: Contexto, 2018.

\_\_\_\_\_. *Paradigmas do Ensino de Literatura.* São Paulo: Contexto, 2020.

COSTA, Renata J. *Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane.* Dissertação de mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

CULLER, Jonathan. "Identidade, identificação e sujeito". In: *Teoria literária: uma introdução.* São Paulo: Becca, 1999.

DÊ, Jeferson. *CAROLINA.* Curta-metragem. Brasil: 2003, 15 min.

DURÃO, Fábio A. *Metodologia de pesquisa em literatura.* São Paulo: Parábola, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada.* São Paulo: Ática, 2014.

ROJO, Roxane. *Textos multimodais.* Disponível em <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/textos-multimodais>. Acesso em 14/08/2021.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo.* Rio de Janeiro: Difel, 2012.

## 6. Anexo - Proposta metodológica detalhada

<b>Projeto integrado para o ensino de literaturas de língua portuguesa</b>
<b>Passo I: Definição e justificativa da prática literária e seleção dos textos</b>
1.1. <b>Público-Alvo:</b> Alunxs da Educação de Jovens e Adultos (EJA)
1.2. <b>Tempo de Duração:</b> 1h30 por semana durante um semestre letivo
1.3. <b>Definição da prática de letramento literário:</b> Caminho literário (COSSON, 2018).
1.4. <b>Justificativa da prática de letramento literário escolhida e delimitação dos objetivos:</b>

108



O público a quem se destina este trabalho carece de desenvolver sua prática de leitura - leitores iniciantes e em processo (COELHO, 2002). O caminho literário deixa-os à vontade para se expressarem a respeito das diversas questões que envolvem o trabalho. Assim, aproxima-os da prática de leitura literária.

Objetivos:

- desenvolver uma leitura fluente;
- compreender o texto lido a partir de trocas de ideias;
- acolher as experiências de leitura dos colegas e do professor, problematizando-as;
- relacionar as questões colocadas pelo texto ao contexto social em que se vive;
- discutir, a partir de orientações, as questões identitárias suscitadas pelo texto.
- desenvolver a prática da escrita, por meio da elaboração de resenhas.

### 1.5 Escolha dos textos literários:

*Quarto de Despejo* (2014), Carolina Maria de Jesus;

*Nikette: uma história de poligamia* (2021), Paulina Chiziane;

*Carolina* (2018), Sirlene Barbosa e João Pinheiro;

*Carolina* (2003), Jeferson De;

*O mundo da mulher ficou muito Escondido, É preciso falar mais sobre o que somos.* Entrevista de Paulina Chiziane. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=upOGNEbldI>. Acesso em 14/08/2022.

### 1.6 Justificativa da escolha dos textos literários:

Em *Quarto de Despejo* (2014), Carolina Maria de Jesus relata seus dias na favela do Canindé, em São Paulo, na década de 1950. O leitor se vê diante de uma mulher negra, moradora de periferia, que tem um trabalho precário e vive uma luta diária contra a fome. Carolina aborda diversas situações que envolvem questões de gênero, raciais e de classe, as quais colocam em discussão a construção da identidade. O público-alvo deste projeto pode se identificar com



Carolina em muitos aspectos: os trabalhos precarizados, a condição da mulher negra etc.

Em *Niketche: uma história de poligamia* (2021), Paulina Chiziane, ao narrar a história da personagem Rami, envolvida em uma trama de poligamia, discute aspectos da construção de identidades femininas na sociedade moçambicana. A leitura desta obra, analisada juntamente com *Quarto de Despejo*, propõe discussões a respeito de como essas identidades são construídas nos tempos e espaços que abordam. Ainda que existam particularidades das experiências das mulheres moçambicanas, o texto de Paulina traz alguns pontos de contato com a obra de Carolina, a exemplo das discussões sobre os cerceamentos do feminino, o racismo etc.

## **Projeto integrado para o ensino de literaturas de língua portuguesa**

### **Passo 2: Motivação e introdução no processo de letramento literário**

#### **2.1 Proposta de estratégias de motivação de leitura:**

Exibição do curta-metragem *Carolina*, do cineasta Jeferson De. O curta apresenta a atriz Zezé Mota interpretando Carolina Maria de Jesus. É possível ver uma mescla entre cenas produzidas para o filme e cenas reais da vida de Carolina, resgatadas de arquivos. Trechos de *Quarto de Despejo* conduzem a produção. Há ainda a canção *Negro Drama*, dos Racionais MC's.

Exibição de depoimento com Paulina Chiziane. No depoimento, a autora é apresentada e fala das principais temáticas abordadas em sua obra.

A ideia é que, neste primeiro momento, os alunos tenham um primeiro contato com as obras – ainda que não as tenham lido, e com a temática que será trabalhada.

#### **2.2 Justificativa das estratégias escolhidas:**

O curta-metragem mostra Carolina escrevendo o seu diário, seu sofrimento ao enfrentar a fome e as dificuldades de subsistência diante de tamanha pobreza. As cenas exibidas, de comunidades carentes de décadas atrás, devem proporcionar aos alunos a comparação entre



aquela realidade e a vida atual nas periferias das grandes cidades. Além disso, o curta mostra Carolina, mulher negra, moradora de periferia, praticamente sem acesso à escola, mas ainda assim, uma escritora, produzindo o seu diário de forma a registrar ali a sua vida. O objetivo é colocar o aluno em contato com as temáticas abordadas em *Quarto de Despejo*.

O depoimento de Paulina Chiziane situa o aluno na temática das representações femininas em Moçambique, abordada na obra *Niketche: uma história de poligamia* (2021), e que podem já relacionar com as questões do feminino no Brasil.

### 2.3 Proposta de introdução/apresentação da leitura literária:

Leitura da Hq *Carolina*, (2018), de Sirlene Barbosa e João Pinheiro. A hq é uma biografia de Carolina Maria de Jesus. Assim, apresenta-se a autora e a obra *Quarto de despejo* aos alunos.

### 2.4 Justificativa das estratégias de introdução/apresentação:

A hq *Carolina* (2018), de Sirlene Barbosa e João Pinheiro, apresenta uma biografia de Carolina Maria de Jesus, exibindo através da linguagem dos quadrinhos momentos da vida da autora que são relatados na obra *Quarto de despejo* (2014) e outras passagens que não estão na obra. Assim, o aluno toma contato com a biografia da autora e com as principais ideias e temáticas que abordam o diário que será lido posteriormente.

A utilização da Hq na introdução desta proposta vai no sentido de associar ao trabalho de letramento literário os textos multimodais, que apresentam linguagem mais fácil e confortável aos alunos.

## Projeto integrado para o ensino de literaturas de língua portuguesa

### Passo 3: Concepção e estratégias de acompanhamento de leitura no processo de letramento literário

#### 3.1 Proposta de concepção de leitura do texto literário:



A leitura literária é um tipo de leitura que exige uma análise que vai além daquilo que se pede em outras leituras em geral. A literatura traz em seus textos, ou sugere ao leitor, uma carga de subjetividade que precisa ser acessada, sob pena de um empobrecimento, um esvaziamento da obra e uma minimização de suas potencialidades. Essa subjetividade é manifesta por meio da literariedade, ou seja, por meio da forma em que a linguagem se apresenta na constituição da obra. E a leitura literária deve estar atenta e direcionada ao reconhecimento da construção formal do texto. Isso permitirá ao leitor ler de um modo cada vez mais profundo e assim reconhecer traços subjetivos sugeridos pelo texto e, conseqüentemente, construir e questionar a sua própria subjetividade. Não se pode esquecer que à leitura literária está associada uma dimensão do prazer que tem o leitor diante da obra e que é determinante para o encontro entre ambos.

### **3.2 Justificativa da concepção de leitura do texto literário:**

Tão importante ou, às vezes, mais importante do que aquilo que se diz em uma obra literária é a maneira pela qual se diz. Uma das especificidades do texto literário, algo que lhe é intrínseco, é a sua literariedade. Compreender os mecanismos e recursos linguísticos empregados na estrutura de uma obra e perceber de que modo esses recursos formais são trabalhados para a construção de um sentido é o que deve estar no horizonte de quem toma contato com a obra literária.

### **3.3 Proposta de estratégias de acompanhamento de leitura literária:**

O desenvolvimento do trabalho se dará a partir da leitura compartilhada, realizada em sala de aula. Em um círculo, os alunos leem e tecem seus comentários a respeito das obras. O professor considera e problematiza aquilo que é dito pelos alunos. Além disso, encaminha a discussão para a observação de determinados pontos do texto, o que pode ser feito, em muitos casos, a partir da fala dos próprios alunos.

Também faz parte do trabalho a orientação para que o aluno leia determinado capítulo da obra em casa, como forma de construir e fortalecer o hábito de leitura e de buscar um grau cada vez maior de autonomia. No retorno à sala de aula, aquele capítulo sugerido para a leitura



é discutido e analisado.

Outra estratégia a ser abordada é o desenvolvimento de atividades focalizadas em determinadas passagens do texto, são os chamados intervalos. Desta forma, pode-se chamar a atenção dos alunos para determinada construção textual ou para o uso de determinado recurso linguístico, sempre com o intuito de buscar o sentido do texto. Esta estratégia pode ainda dar ao aluno um maior repertório de ferramentas de leitura que poderá ser acionado em leituras futuras, construindo-se assim uma bagagem de recursos que lhe enriquecerão as possibilidades de interpretação. Sugere-se, ao final da leitura de cada obra, a produção de resenhas a respeito.

### 3.4 Justificativa das estratégias de acompanhamento de leitura literária:

O público-alvo desta proposta de leitura literária não é formado por leitores que já desenvolveram o hábito de ler e têm consolidada a prática da leitura. São alunos da Educação de Jovens e Adultos. A carga horária da disciplina de Língua Portuguesa prevê um total de seis horas/aulas semanais, das quais três se pretende dedicar à leitura literária. Isso se faz sem prejuízo da abordagem dos conteúdos curriculares, que estarão também relacionados à leitura proposta. No entanto, é importante ressaltar que o texto literário será abordado em sua essência, naquilo que lhe é característico e fundamental, jamais funcionando como pretexto para o desenvolvimento de atividades estanques e descontextualizadas.

## Projeto integrado para o ensino de literaturas de língua portuguesa

### Passo 4: Atividades de interpretação do texto literário e processo de avaliação da leitura literária

#### 4.1 Proposta de atividades de interpretação do texto literário:

Exposições orais, debates e resenhas estão previstos como atividades de interpretação neste projeto.

#### 4.2 Justificativa das atividades de interpretação do texto literário propostas:



Como se trata de leituras longas, a serem desenvolvida em muitas ocasiões, são previstas diversas atividades de interpretação, a serem adequadas de acordo com o trecho da obra abordado. As exposições orais, organizadas em debates sobre aspectos das obras, são fundamentais para que o aluno possa expressar o seu entendimento do texto, ouvir o entendimento dos colegas e, nesse movimento, construir a sua interpretação.

Também as resenhas compõem parte deste movimento de interpretação do texto. Após as discussões, os alunos registram suas impressões sobre o assunto abordado.

#### **4.3 Proposta de avaliação da leitura literária realizada:**

Exposições orais, debates, resenhas e diário de leitura.

#### **4.4 Justificativa do processo de avaliação de leitura literária:**

As formas de avaliação propostas permitem observar como o aluno recebeu a leitura, que sentidos construiu e que sentidos reconstruiu a partir da escuta dos posicionamentos dos colegas. Não se pretende impor uma interpretação que se pretenda única, mas sim discutir e problematizar as diversas interpretações construídas pelos estudantes. O professor pode propor momentos de discussão a partir de interpretações dos alunos observadas em suas diversas produções, como os debates e resenhas, por exemplo, sempre buscando a problematização e negociação de sentidos, jamais a imposição de sua própria interpretação.

